

OPERAÇÕES URBANAS COM BLINDADOS DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS NO RIO DE JANEIRO UM MARCO HISTÓRICO



Expedito Carlos Stephani Bastos,
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora.
defesa@ufjf.edu.br

O dia 25 de novembro de 2010 será lembrado como um marco histórico importante para as operações de blindados no país em área urbana, pelos recentes acontecimentos de uma verdadeira guerra civil, que há tempos vem assolando, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro, e que foi mostrada ao vivo pelas redes de televisão, em tempo real.

O marco histórico tende a ser maior em razão, de mais uma vez, a Marinha do Brasil, através de seu Corpo de Fuzileiros Navais, inovar ao ceder seus blindados; meios de comunicação e outros equipamentos para as Forças de Segurança Pública daquele estado, entendendo que operações conjuntas sob comando de forças policiais - que realmente vivem os problemas do chamado “crime organizado” e que há anos trazem insegurança para a população de uma das maiores cidades brasileiras - são possíveis de serem executados sem que tragam qualquer desgaste para as Forças Armadas e sem comprometer sua cadeia de comando.

O marco histórico mostra que qualquer operação policial daquela envergadura necessita de meios blindados de transporte de pessoal, que possam dar-lhes a mobilidade necessária; a proteção e a pronta resposta que os obsoletos “caveirões” ou “pacificadores” não conseguem, dado, principalmente, a sua total falta de mobilidade e capacidade de pronta resposta. Esses blindados são improvisos que, num primeiro momento, acreditava-se que poderiam ser o instrumento que garantiria o transporte de tropas até os locais nos quais seria necessária uma pronta resposta, mas que devido ao seu peso excessivo e às suas limitações mecânicas e por se tratarem de veículos originariamente criados como transportes de valores, não conseguem atingir seus objetivos. Na verdade, deveria se pensar em veículos menores, com maior mobilidade, tanto sobre rodas como lagartas.

O marco histórico mostra que realmente se aprendeu alguma coisa com o emprego de tropas no Haiti, sob a égide da ONU, através da MINUSTAH, na qual o Exército faz papel de polícia e emprega seus blindados em situações similares, o mesmo

ocorre com o Corpo de Fuzileiros Navais, mas lá parece que estão numa situação mais nobre do que pacificar os nossos “Haitis” que existem dentro do território nacional e são dominados por gangues de narcotraficantes, facções criminosas e milícias, que demonstram serem totalmente incapazes de uma pronta resposta - que é ótimo – já que quando o fator surpresa os acua, os prende, os desarma, as Forças de Segurança retomam o território - que nunca deveria ter sido permitido pelo Estado chegar a este nível. Esses episódios puderam ser vistos ao vivo nas operações realizadas neste mês de novembro no Rio de Janeiro.

O marco histórico é que pela primeira vez, efetivamente, os serviços de inteligência da Polícia Federal, da Polícia Civil, da Polícia Militar e do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha Brasileira, conseguiram conversar entre si, numa importante troca de informações e experiências que alicerçaram toda a operação, a qual num primeiro momento foi um sucesso, mas que precisa ter uma continuidade tão logo encerrem as atividades militares e o Estado possa, de vez, trazer estas áreas como parte integrante das demais na cidade, mostrando que somente ele é quem detém o controle e segurança que tanto almeja aquela população, já há tempos esquecida.

O marco histórico é que o Ministério da Defesa obrigou as demais forças, como Exército e Aeronáutica a fornecerem meios para que estas operações possam ter a continuidade necessária, como forma de não dar trégua aos “fora da lei”, uma vez que sempre houve um receio por parte, principalmente, do Exército em se envolver em situações como esta, o mesmo ocorrendo com a Aeronáutica, que, logo no início dos confrontos, teve um de seus veículos de apoio metralhado numa das principais vias da cidade do Rio de Janeiro e nem sequer se manifestou.

O marco histórico é que se provou que o fato de emprestarem equipamentos não atrapalha, em nada, as atividades fins para as quais as Forças Armadas foram criadas e não as transforma em meras forças policiais, mas mostra a grande necessidade em se equipar as forças de segurança com equipamentos militares que se façam necessários para evitarmos que, num futuro próximo, tenhamos algo do porte de uma FARC ou até, guardadas as devidas proporções, de uma Al Qaeda, lembrando que se faz necessário um maior entrosamento entre as Forças Armadas, a Polícia Federal e as Forças de Seguranças Públicas dos Estados, principalmente, em áreas fronteiriças por onde entram drogas, armas e contrabandos dos mais diversos.

O marco histórico é que devemos rever a distribuição de veículos blindados, e suas respectivas unidades, principalmente os do Exército, que em sua grande maioria se encontram em áreas muito distantes dos principais centros urbanos do país, que por uma questão “econômica”, os concentrou principalmente no sul, quando os graves problemas estão no sudeste, centro-oeste e norte.

O marco histórico é que ainda há muito que fazer, mas o primeiro passo foi dado e mostrou que se deixarmos de lado as vaidades pessoais e a falsa visão política momentânea, - o país com toda a sua sociedade - só tem a ganhar. Parabéns ao Comandante da Marinha Brasileira pela sua visão, até porque boa parte dela vive na cidade do Rio de Janeiro.